

O façõ cortou embaixo e a bananeira caiu!¹

Genilson Leite da Silva – PPGAS/MN-UFRJ

Palavras-chave: Zé Pilintra; Mito; Malandragem

O título desse trabalho é também um trecho de uma ladainha da capoeira, nela aborda-se a necessidade de compreender as raízes como algo fundamental para a existência do sujeito e sobrevivência da comunidade. Nessa perspectiva, a aproximação do meu objeto de pesquisa, mito do Zé Pilintra, possibilita que eu desenvolva alguns floreios textuais para pensar a figura do Zé Pilintra enquanto agente social que personificar a construção da identidade carioca e como agente místico que se presentifica nos cultos religiosos de matriz afro-ameríndia.

A invocação do Zé Pilintra por meio da cantiga faz referência as muitas narrativas que contam que quando em fuga na Bahia, em Pernambuco ou em Minas Gerais, José Pereira dos Anjos, um de seus muitos nomes, se transformava em bananeira a fim de despistar seus perseguidores. Desse modo, o que busco fazer aqui é um exercício para compreender o mito do Zé Pilintra a partir da ideia de “combinatória” (Calvino, 1977) e a “quadratura” (Lévi-Strauss, 1977) sobre o referido mito. Para tal, as narrativas dos praticantes das religiões de matriz afro-ameríndia e das entidades que se apresentam nos cultos a partir da “energia” ou falange da malandragem nas giras que acontecem no bairro da Lapa no Rio de Janeiro.

Recorro a dados etnográficos extraídos do meu campo de pesquisa por meio de observações e entrevistas com as entidade Zé da Lapa, Zé Pretinho¹, Zé Pretinho² e Zé camisa Preta, a debate realizado em grupo de *Whatsapp* e por fim as narrativas que se originam no imaginário popular acerca do Zé Pilintra e malandragem. Importa saber que não é interesse debater ou aprofundar sobre a origem ou legitimidade de Zé Pilintra, esse trabalho essencialista já foi empreitado de vários autores que por fim já se deram por vencido (Augras, 1999, p.43 apud Ligiéro, 2004, p.26).

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (ano: 2024)

Há neste exercício certo desapego pela cronologia dos fatos e das narrativas, assim, operarei a partir da categoria do trickster como um ser que usa de suas artimanhas para produzir ilusões, para enganar, assim promove oposições e contradições para possibilitar a mediação entre o mito e os sujeitos. Assim o trickster é “um mediador e essa função explica o fato de ele manter algo da dualidade que tem por função superar” (Lévi-Strauss, 1977, p.244) para dar conta de questões referentes a lacunas temporais e espaciais. Aqui seguiremos os rastros das transformações do mito de Zé Pilintra e suas variantes que possibilitam o “nascimento” de entidades que surgem a partir desse mito.

Eu vim de lá pequenininho: Zé Pilintra no trânsito rural/urbano

Nos relatos dos meus interlocutores, no pontos de invocação e no imaginário que emana dos populares², Zé Pilintra é um mestre da jurema, “rei do catimbó”. Sua origem transita entre o Norte e o Nordeste (Pernambuco, Paraíba, Maceió, Sergipe, Alagoas entre outros). Em algumas narrativas ele aparece como um indígena, pajé ou caboclo, que trabalha como a cura através do uso medicinal das ervas, noutros ele figura como um sujeito com traços africanos e indígenas³.

Quando na figura de pajé ou caboclo, as narrativas não constroem um percurso que demonstre a vinda para as áreas urbanas, quando sua presença enquanto afro-indígena, conta-se que era de uma famílias de posses e que com a morte pais decide se mudar para as áreas urbanas. Quando voltamos nosso olhar para as narrativas no campo místico sua paternidade alterna entre os orixás Ogum e Xangô e a maternidade é creditada a orixá Yemanjá. Em ambas as narrativas falam de marginalização, boemia e violências e abusos vividos por esse personagem na grande cidade, como podemos observar em um ponto muito cantado nos centros de umbanda “Oh Zé! Quando for para Alagoas, toma cuidado com o balanço da canoa”.

A mudança, “o balanço da canoa” impõe novos desafios, onde se faz necessário expertises para lidar com as dinâmicas das áreas urbanas, por isso,

² Um ponto cantado

³ Minha resistência a cafuzo

ele adota os marginalizados e põe sobre a proteção de seu chapéu e seu punhal. Nas áreas urbanas Zé Pilintra é um exímio jogador, rei do carteado, mestre da capoeiragem, sua desencarnação se deu de morte matada, pelas costas, uma vez que frente a frente não havia homem nessa terra que desse conta. Conta-se que seu algoz foi o desamor de uma mulher a quem Zé Pilintra desprezou ou a covardia de um outro malandro a quem o Zé passou a perna.

Encantado, Zé Pilintra passou a proteger as prostitutas, bebedores e andarilhos. Se no culto da jurema ele é responsável pela promoção de curas físicas e trazer alento espiritual, no culto da umbanda sua missão é resolver problemas produto das dinâmicas urbanas, mal de amor, problemas com drogas e vícios com jogatina entre outros.

A figura de Zé Pilintra na Lapa ou a metamorfose nos modelos de Gilberto Velho (1999) para os meios urbanos pode ser compreendido com um movimento de civilização do sujeito selvagem, mestre da jurema afro-indígena, para o malandro da Lapa, num processo dentro de um sistema de modernidade tardia (Hall, 2006) onde os processos de modernização e urbanização se dão de forma desenfreada e mal executada. Assim, deslocar o mestre juremeiro das áreas rurais do Norte e do Nordeste do Brasil de seu estado de “selvageria” para um estado de “civilização” nas áreas urbanas tanto do Norte e Nordeste quanto Sudeste nos leva a compreender esse movimento como esforço de deslocar esses sujeitos de seu estado de natureza e impor-lhes um estado de cultura fracassada pelas dinâmicas dos processos de urbanização e crescimento populacional desenfreada. Desse modo, o que se criou foi estados de marginalizações e genocídio das populações afrodescendentes e indígenas.

Nessa perspectiva, através dos rastros deixados pelos mitos e pelas narrativas sobre o Zé Pilintra que é possível a existência tanto de outros mitos quanto de outras entidades compondo o que a umbanda chama de falange da malandragem e me possibilita uma analogia com o que Ítalo Calvino (1977) analisa como combinatória sobre a capacidade de articulação e expansão do mito. Na umbanda, a referida falange tem Zé Pilintra como o “maioral” como um malandro dinamizador das agências e performances, ele é seguido por outros malandros como Zé Pretinho, Camisa preta, Zé da Lapa.

Aqui faço um exercício para compreender as estruturas que possibilitam a manifestação da malandragem que, meus interlocutores afirmam ter origem

em Zé Pilintra ou tê-lo como referência. Essas outras manifestações, de malandro, se dão a partir da combinação de variados elementos, dentre eles, o orixá que rege a médium, o lugar, a energia manipulada pela entidades. Nessa perspectiva, faço o esforço para apresentar um princípio de esboço que estou desenvolvendo acerca dos “reinos” de atuação das entidades e suas possibilidades de combinação e articulação. Tabela1- relação entre origem e campo de atuação de Zé Pilintra.

Zé Pilintra + Orixá		
Lugar	Energia	Atuação
Cemitério	Almas	Cura do espírito
Encruzilhada	Rua	Ebo – limpeza do corpo
Lapa	Boêmia	Bebidas e jogos
Morro	violência	Vícios drogas
Cabaré	sexualidade	Relação amorosa, traição

Importa observar que acima não temos uma tabela que dita fórmulas para criar a personalidade das entidades, as relações por me especuladas são produtos de anos de observações e experiências, assim como também é importante compreender o qual exu é volátil. Logo esse exercício de reflexão é um desafio intelectual a qual me lancei. Quando os elementos supracitados são combinados como base para a construção e estruturação da entidade e suas narrativas, há a necessidade de observar a qual “matriz” ele está relacionado para dessa forma rastrear seu campo de atuação. Tabela2 – campo de atuação em relação a área de atuação.

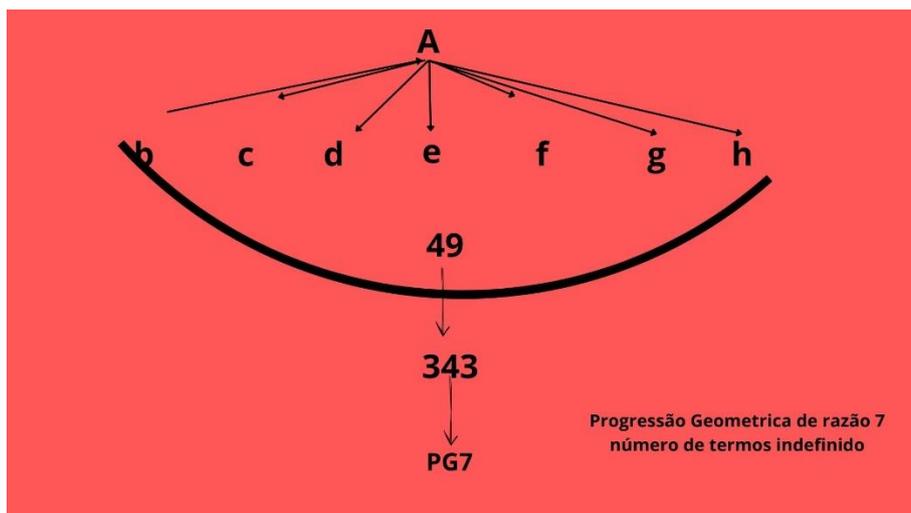
Matrizes de origem a partir das Mitos		
Zé Pilintra Mestre da Jurema	Exus	Almas
cura	livramento	salvação
cuidado	Abertura de caminho	conselhos
rebeldia	subversão	evolução
Fluxo contínuo	Movimento estanque	lentidão
Sabedoria, segredo	Pensamento impulsivo	sabedoria

Um Zé Pilintra com base na Jurema que ocupa a encruzilhada tanto pode atuar com a cura, quanto com a produção de feitiço e ebós que limpam, pode curar, mas também pode investir no inverso do seu efeito como assinala um ponto cantado para o mestre da jurema nos terreiro “No bairro da macaxeira sete venda se fechou, com uma fumaça trocada que zé Pilintra armou. Seu dotô, seu dotô, bravo senho, Zé Pilintra chegou!”⁴. A fumaça trocada nos sinaliza sobre a inversão do efeito de uma coisa que deveria atuar de tal forma e passou a atuar de outra a partir da ação e manipulação do rei do catimbó.

Partindo da entidade A, no caso do exemplo aqui Zé Pilintra, que combinando com os elementos pode dão com dão origem a sete entidades, sendo elas b,c,d,e,f,g,h, que por sua vez, cada uma desses vai dar origem a outras sete entidades que sucessivamente darão origem a outras setes entidades até um número infinito de entidade e que por fim vão se guiar pelo caminho do orixá que acompanha a entidade A.

Compreendendo que os temos se combinam entre sim, a exemplo: Abcd, Zé Pilintra do cruzeiro das almas das sete catacumbas, observamos a articulação de Zé Pilintra com suas possibilidade de domínio e de agência. Nessa versão hipotética, teríamos um Zé Pilintra na linha das almas que trabalharia com feitiços relacionado a morte e a cura de males que leve a morte e certamente filho do Orixá Omolu. Assim, a partir de um combinatória podemos compreender o mito de Zé Pilintra numa relação de progressão geométrica, o número de vezes que um termo é multiplicado para resultar o termo seguinte, com número de termo indeterminado. Figura1 – progressão geométrica da relação de crescimento e multiplicação do mito.

⁴ Ponto cantado nas giras de Zé Pilintra no bairro da Lapa.



Zé Pilintra, dentro do culto da umbanda tem um papel ambíguo, ele tanto pode se fazer presente diante um culto das almas, pretos e pretas velhas, entidades evoluídas e de luz que ocupam a direita no culto, assim como pode aparecer nas giras de exu, entidades da esquerda que reinam na escuridão. Ele transita entre a luz e a escuridão e como resquício da escravidão, embora retrógrada, na fala de meus interlocutores, entidades e médiuns, é atual a ideia de que o exu é um escravo do orixá, reinando na linha da malandragem. Dessa forma, Zé Pilintra seria escravo de um orixá e, seguindo o sistema de falange, teria sete escravo que por sua vez teria cada um teriam sete escravo sucessivamente, esses “escravos” e “sub-escravos” atuam a partir de uma dinâmica amoral com ações que buscam corrigir ou compensar ações de outras vidas. Ações essas que resultou em perda, prejuízo ou maldades a outra pessoa fazem com que o espírito vage na escuridão e cada benfeitoria o aproxima da luz.

Bate papo com a malandragem entre vivos e mortos

Nesse momento recorro aos meus materiais etnográficos para compreender e ou identificar as metamorfoses e ou combinatórias do mito de Zé Pilintra nos processos de resignificação na relação de trânsito entre o mestre juremeiro Zé Pilintra, na relação da natureza, do rural, da selvagem, em contrapartida com o malandro Zé Pilintra, como uma manifestação cultural, do urbano, do civilizado, mas nem tanto. Não para persegui uma origem, mas os discursos essencialistas de originalidade que irrompem na identidade da entidade e suas reverberações.

Faço esse exercício, analisando debate em grupo de Whatzapp, família de Fé, que fui incluído por um dos meus interlocutores, entrevista com entidades Zé Pretinho1, Zé Pretinho2, Zé da Lapa e Malandro Camisa Preta. Nestes, observo os discurso dos agentes para além das narrativas pré-estabelecidas na ideia de malandragem.

O grupo Família de Fé foi criado em 08 de novembro de 2016, pelo interlocutor Mano Edy de Realengo e é administrado junto com suas duas esposas, no grupo há 401 participantes. A proposta do grupo é servir de plataforma para divulgar eventos relacionados as religiões de matriz africana, vender produtos, deixar mensagens de afeto e debater assuntos acerca da religião. Por questão de ética, no relato que segue os sujeitos envolvidos no debate serão identificados apenas pela letra “S”, sendo s, s1, s2.

O debate que aqui apresento é um recorte de um debate maior acerca de fundamentos do candomblé, se o orixá Oxalá recebe animais de quatro patas como oferenda, que se encerro com a icônica frase: “me desculpa, mas tem assuntos que não podem ser falados, tem fundamentos que não podem ser falados ou ditos”. A referida frase constrói uma barreira limitantes entre os sacerdotes mais novos e mais antigos no culto do candomblé referentes aos segredos e conhecimentos, que o Marcio Goldman (1985) vai apontar como elemento constituinte da noção de pessoa no culto. Mas também ela serve para blindar os mais velhos diante de um assunto que não deseja falar ou uma conversa que pretende encerrar.

Contudo, o debate que interessa a esse trabalho está relacionado a busca por uma legitimidade da figura do Zé Pilintra e como essa identidade é construída nos discursos dos envolvidos, e como os mito é fundamenta na reivindicação dessa legitimidade. Cessado o debate supracitado, “s” descontente com a resposta levanta a seguinte questão no intuito de dar continuidade as interações no grupo: “Desculpa também, mas ninguém recebe Zé Pilintra e Maria Molambo, esses espíritos já evoluíram, o que todos recebem os escravos dessas entidades como se fosse uma legião”.

O questionamento, além de apresentar uma linguagem carregada de resquícios do sistema escravocrata, também reivindica um lugar de evolução pautada pelo espiritismo de Alan Kardec que por sua vez tem base no darwinismo social. Reivindicar a evolução de Zé Pilintra e Maria Molambo

significa que essas entidades saíram da escuridão, do seu estado de natureza e selvageria. Evoluíram, caminharam para perto da luz, da cultura e da civilização e agora podem possuir escravos.

De imediato o interlocutor “s1” responde a provocação com um tom de deboche com vários *emojis*⁵, seguido da seguinte frase: “vou falar pra dona Molambo que ela é *fake News*”. Em seguida “s2” responde ao sarcasmo de “s1” com uma mensagem em áudio de aproximadamente três minutos em que destaco o seguinte trecho: “não acredito nessa balela de que Zé Pilintra vem do Nordeste, que é do catimbó. Zé Pilintra é carioca, nasceu no morro e não anda descalço, ele usa sapatos, usa panamá”. “s2” reivindica uma identidade carioca para o Zé Pilintra, no áudio ele aponta que não acredita que uma entidade vá sair “lá do meio do mato” para conseguir destaque em uma cidade grande como o Rio de Janeiro.

“s” e “s2” seguem o debate defendendo suas teses de que Zé Pilintra é uma entidade iluminada que não incorpora mais, em vez disso são seus “escravos” que vem à terra como seu representante, seu avatar para fazer os trabalhos que Zé Pilintra fazia quando não tinha evoluído. Contudo, “s2” nega a legitimidade das narrativas que sugerem a vinda de Zé Pilintra de outro lugar que não o Rio de Janeiro.

Na sua versão, Zé Pilintra é uma entidade que nasceu no morro e lá viveu na pobreza tendo que se render as dinâmicas do poder paralelo. Zé Pilintra alterna sua presença entre o morro e as ruas, na Lapa mais especificamente, onde aprendeu a lidar com a vida por meio da capoeira, das jogatinas e apostas. Dessa forma, ele passa a cuidar dos traficantes e usuários de drogas, passando também a proteger prostitutas e beberrões. Foi no morro que Zé se encantou pelo mundo do samba, calango e os pagodes de fundo de quintal e das macumbas carioca. Para “s2”, sua morte se deu por traição de um amigo que o entregou para a os “samancos”, polícia, que o matou com arma de fogo, superando assim sua navalha. Por isso, que ele depois de morto não atura traição e falsidade de amigos e segue protegendo as os menos favorecidos.

Na versão do “s2” percebemos o surgimento da entidade como um consequência dos problemas sociais encontrado nas grandes cidades do país.

⁵ São pictogramas ou ideogramas, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa, são muito usadas nas redes sociais e aplicativos.

Nela, é possível, de forma analógica, compreender que o insuperável Zé Pilintra, é superado pela polícia, como forma de expressar o sucesso Estado no seu papel de manter a “ordem”, superando qualquer forma paralela de existência. Outra analogia possível é ao relacionarmos a superação da navalha pela arma de fogo, como sinalização da chegada da modernidade.

“s” e “s2” seguiram tentando, sem sucesso, convencer “s1” sobre sua versão, no entanto, ele estava convicto de sua opinião, “Zé Pilintra é um entidade vinda da jurema, nos cafundó do nordeste, não sei onde, e hoje baixa sim nos médiuns, cacete!”. De forma irredutível sustenta sua crença na versão popularmente consagrada e difundida pelo país.

Como parte dos debates nesse tipo de comunidade de redes sociais, as conversas ficam inconclusas, por isso, o nosso debate não findou, ele apenas ficou como última mensagem da noite esperando a interação de outros interlocutores, que não houve, no dia seguinte novos assuntos tomaram conta do grupo. O referido debate apresenta a reivindicação de uma legitimidade e construção da identidade da entidade a partir da construção de outro mito que situa a origem da entidade nos morros do Rio de Janeiro, situando a construção da entidade como efeito do processo de modernização e das desigualdades da comum nas grandes áreas urbanas.

Diante desse debate, surge o desejo de consultar as próprias entidades para conhecer a partir delas como se dá essa relação com o mito do Zé Pilintra e mais ter acesso os discursos e narrativas por meio de seus depoimentos. Essa investida se deu em uma roda de bate papo com três entidades, Zé Pretinho do morro, Zé da Lapa, a gira em homenagem as Marias Navalhas que aconteceu no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, e Camisa Preta e deforma separa a Zé Pretinho, em uma homenagem ao próprios também no bairro da Lapa.

Qual a diferença entre Zé da Lapa e Zé Pilintra? Essa pergunta iniciou a conversa e foi direcionada ao Zé da Lapa, ele respondeu chamando Zé Pretinho e Camisa Preta para perto: “vem vê o que esse menino está perguntando!” e de pronto já direcionou a pergunta para as outras entidades “qual é a diferença entre a gente e Zé Pilintra?”

Zé Pretinho do morro: como posso explicar para que você entenda? Não existiu só um malandro, se você olhar aqui você vai ver outros Zé pretinho e até outro Zé pretinho do Morro, mas cada um é diferente, entende? Somos os

mesmos, mas somos diferentes”. Acenei com a cabeça em concordância sem nada falar. Quando Zé da Lapa me questionou: “aprendeu mesmo ou só está igual lagartixas?” Zé Pilintra é um mestre da jurema que veio lá do Nordeste, aqui ele viveu com outros malandros, ensinou e aprendeu muitas coisas com as marujadas, os baianos. Mas um cara sagaz, como ele era difícil de encontrar, por isso ele é Zé Pilintra, por isso é difícil de encontrar o próprio Zé dando sopa por aí.”

Nesse momento eu aproveitei para pergunta qual era a diferença direta entre eles. Zé da Lapa se mostrou em um gira e mandou que olhasse bem para eles, como estavam vestidos e como se portavam diferentes, postura, bebidas e cigarros. Falei que era muito complexo, como tem um Zé Pretinho do morro, Zé Pretinho e Camisa Preta, como vou distinguir se todos usam camisa preta?

Camisa Preta me respondeu com uma gargalhada: “há, há, há, tenta perguntar com quem está falando que fica mais fácil. Nem sempre Zé Pretinho do morro usa camisa, muitas vezes ele está de calça preta e com uma vela acesa na cintura por causa das coisas pesadas do morro. Zé Pretinho já é mais perto de Zé Pilintra, ele está mais elegante, gosta de cuidar das pessoas da rua e usa preto e branco para além da camisa preta. Eu, Camisa Preta como me apresento, mas na verdade meu nome é Miguel Camisa Preta, sou traçado com capoeiristas, eu posso dizer que conheci Zé Pilintra”.

Zé da Lapa sinaliza que aprendeu tudo que sabe com o Zé Pilintra e que por isso fez da Lapa sua morada, mas mesmo sendo criado por ele seguiu caminho um pouco diferente, enquanto o Zé Pilintra confrontava, ele preferia a conversa e a distância para poder observar e só depois dá a cartada final. Quando questionei sobre a história de Zé Pilintra as versões que eles contaram tinham um enredo semelhante: um mestre do catimbó, conhecedor dos segredos das ervas que veio do Nordeste ou do Norte e no Rio de Janeiro passou a viver na boêmia e sobreviver de pequenos furtos. Amante da noite e das mulheres, protetor das prostitutas em suas investidas da cafetinagem, sua morte foi fruto de traição.

Já quando pergunto como cada malandro morreu as respostas se alternam entre morte na mão da polícia como no caso de Zé Pretinho do morro e do Camisa Preta, sempre de forma covarde, pelas costas ou desarmado. Zé da Lapa conta que o motivo da sua morte se deu pela mão de um marido traído

que a mandato de sua esposa que acusara Zé da Lapa de “buli” com ela. Zé revela que na verdade a esposa do dito cujo na verdade era um “rabo de saia” que ele desprezará e por isso ela inventou uma história para tirar sua vida.

Quando o assunto é a forma como eles tocaram suas vidas, observa-se alternâncias entre gosto por samba, capoeira, jogos de azar e a vida noturna. Contam que nasceram no Rio de Janeiro, Zé Pretinho do morro, conta que nasceu no morro do São Carlos e que de cima do morro assistiu as escola de samba se organizarem. Nosso bate papo foi encerrado pela intervenção de outras entidades e consulentes que constantemente se aproximavam e desvirtuavam o assunto, assim, em mais uma investida depois de um bom tempo eles tiveram sucesso e os malandros se dispensaram de perto de me.

Em outra vira, essa em homenagem ao Zé Pretinho, investir para chamar a atenção das entidades, mas não tive sucesso como nos relatos supracitados. Tentei diálogo com o Zé pretinho, mas dessa vez foi curto: Zé Pretinho queria te fazer uma pergunta. “Qual meu chegada? O que você quer saber?” perguntou de forma emergencial e de uma certa distância. Perguntei de longe: Qual é a diferença entre você e Zé Pilintra?

Ele se aproximou, me abraçou e falou: vou te explicar, eu, Zé Pretinho, existem outros Zé pretinhos que vão te contar outra história, mas eu só posso contar essa que conheço, que é a minha. Quando garoto, eu vim de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, como era de família pobre fui morar na rua e Zé Pilintra, esse que veio do Nordeste que todo mundo fala, me acolheu. Com Zé Pilintra aprendi tudo para sobreviver na rua, para me alimentar, me esconder quando necessário. Lembro que ele assobiava para me chamar. Então, hoje depois que me encantei sou o negativo de Zé Pilintra, sirvo para fazer as coisas que ele já não precisa fazer porque está em outro patamar. Tem o Adalberto, que é meu negativo, deixo ele um tempo no comando para que ele faz o que eu não quero ou não preciso fazer. Você me entende? Pronto, é a mesma coisa com Zé Pilintra. Eu sou negativo do Zé Pilintra e o Adalberto é meu negativo. Entendeu?

Tentei fazer outra pergunta, mas ele foi chamado por uns consulentes que precisava de atendimento, ele se foi na promessa de voltar para continuar “trocando ideias”, mas não voltou, fiquei atento a espera de uma oportunidade para voltar o assunto, mas não foi possível.

Entre os meus interlocutores, entidades ou não, pudemos observar fragmentos do mito de Zé Pilintra, seja na forma de vida, na forma como se deu a morte, no movimento de sair de um local para outro, seja do Norte, Nordeste ou Minas Gerais como no caso do meu último interlocutor. Na busca por uma partitura que compõe o mito do Zé Pilintra e suas diferentes manifestações ou reverberações, consegui perceber a seguinte estrutura que aparece de formas diferente nas suas diversas variações.

Origem na pobreza +deslocamento+ rua+ morte matada.

O mito de Zé Pilintra revela as esquizofrenias resultante de uma modernização tardia e um crescimento urbano desenfreado. Aqui aponto o malandro, com sapato, terno, chapéu panamá como uma busca por civilizar o selvagem mestre da jurema, o que é no mínimo doentio pensar que esse sujeito é força do a se deslocar das zonas rurais para as zonas urbanas para ser relegado a subalternidade. Logo, a questão, o processo de modernização produziram seres “selvagens” ou incivilizados no meio urbano? Ou o mito de Zé Pilintra e tantos outros que surge a partir dele é uma produção dos muitos Nordestinos e Nortistas que vieram para as grandes cidades do sudeste em busca de solução para suas vidas miseráveis? Sintetizo aqui o que compreendi como uma forma de sequestro dos povo indígenas e afro-brasileiros a fim de construir uma identidade nacional. Figura 2 – Ilustração do processo de transição da figura de Zé Pilintra.



Seja da forma que for, esse mito se espalhou por todo país e hoje tanto o Zé Pilintra Juremeiro ou o Zé Pilintra malandro, quanto qualquer outro malandro que surge nesse país, traz consigo a narrativa da pobreza e a superação das dificuldades, a relação com a vida boêmia e dualidade como premissa. Dessa forma, o mito do Zé Pilintra e sua continuidade é permeado por um jogo relacional entre o rural e urbano, que se renova e ressignifica por meio da “retrospectiva” para reivindicar o lugar de Zé Pilintra enquanto o maioral, o barão da ralé, que remonta sua origem nordestina, talvez para, reclamar uma essência afro-indígena como símbolo de resistência e luta contra a subalternização de emigrantes nordestinos.

Também de forma “prospectiva” se fundamenta no mestre juremeiro como lugar de legitimação de um passado que se faz presente no cotidiano a partir da performance dos sujeitos e das entidades. Para assim, reivindicar uma identidade boêmia se apresentando aos menos favorecidos uma saída diante das demandas do meio urbano.

O campo tem mostrado que Zé Pilintra, seja enquanto mestre juremeiro ou enquanto malandro da Lapa ou dos grandes centros urbanos tem servido como base para a construção de uma identidade cultural. Essa identidade está atrelada à vida cotidiana dos sujeitos, as narrativas e as memórias que esses reivindicam como possibilidade de ocupação de um território. Assim, as dinâmicas que envolve a cultura da malandragem estão atreladas a ideia de superação de um projeto de urbanização e industrialização que, em seu escopo, não incluía uma parcela da população e essa população hoje volta para reivindicar esse lugar. Assim, podemos compreender que Zé Pilintra é também um resistente que não foi absorvido como mão de obra por esses processos.

Seria Zé Pilintra um sujeito em quem podem se inspirar para adotar sua forma de viver, de se vestir e se portar, onde não são aceitos/compreendidos sujeitos de direitos, assim como são?

Referências Bibliográfica

CAMPOS, Antônio Luiz dos Santos. **Sobre a história de Camisa preta** .2020 Disponível in: <https://capoeirahistory.com/pt-br/geral/camisa-preta/> acesso in: 25 de junho de 2023.

CALVINO, Ítalo. A combinatória e o mito na arte da narrativa. In: LUCCIONI, Gennie et al. **Atualidade do mito**. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Duas cidades 1977. P.75-80.

GOLDMAN, Marcio. A construção ritual da pessoa: a possessão no candomblé”,in: **Religião e Sociedade**, 1985, vol. 12(1): 22-54.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude, C. Como eles morrem.In: LUCCIONI, Gennie et al. **Atualidade do mito**. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Duas cidades 1977. P.91-103.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Edições 70, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIGIÉRO, Zeca. **Malandro Divino**: A Vida e a Lenda de Zé Pelintra, personagem mítico da Lapa carioca. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 2 ed. – Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1999